

O AMOR EM MAL-ESTAR: SUPEREGO E IDEOLOGIA

Augusto César Francisco¹, Laurisa Alves Pereira², Norma Missae Takeuti³

¹UFRN / PPG Ciências Sociais, Campus Universitário, BR 101 – Lagoa Nova / Natal / RN – CEP 59072970, guto_chico@yahoo.com.br

²Colégio de Psicanálise do Brasil, Av. Praia de Tibau, 601 – Res. Zona Sul / Natal / RN – CEP 59094500, laurisalves@yahoo.com.br

³UFRN / PPG Ciências Sociais, Campus Universitário, BR 101 – Lagoa Nova / Natal / RN – CEP 59072970, normatj@cchla.ufrn.br

Resumo – Neste artigo, apresentamos os últimos resultados de nossa pesquisa, que tem financiamento do CNPq, sobre a presença da ideologia no discurso sobre o “amor” que Freud elabora como elemento de sua teoria da sexualidade. Sustentamos que Freud, em *O mal-estar na cultura*, coloca o amor na posição de mal-estar ao fazer dele uma operação de Eros com o suporte das exigências da civilização (superego). Interpretamos que o “amor” é um elemento superegótico, que convoca o sujeito *punitivamente* para o laço social, como no mandamento “amarás teu próximo como a ti mesmo”. Além de ser superegótico, é um elemento ideológico, na medida em que naturaliza o “amor” como a única sociabilidade, deixando de lado outras possibilidades de laço social. O discurso ideológico sobre o “amor” sustenta diversas formas de dominação, como a dominação masculina.

Palavras-chave: Discurso ideológico, Eros, Amor

Área do Conhecimento: Ciências humanas

Introdução

Nossa pesquisa maior sustenta que existe a presença da ideologia no discurso freudiano sobre o amor. Temos demonstrado nossos resultados em muitas oportunidades (FRANCISCO & SOUSA FILHO, 2005; FRANCISCO & PEREIRA, 2006; FRANCISCO, 2006). Para o presente trabalho, propomos o debate em torno do discurso sobre o “amor” contido na obra freudiana *O mal-estar na cultura*.

Colocaremos, pois, o “amor” na posição de mal-estar num duplo sentido: a) essa obra freudiana evoca um desconforto geral, no ocidente moderno, que cruza o discurso sobre o “amor” como um elemento superegótico – portanto, o “amor” nessa obra freudiana; e b) nossa interpretação sobre a ideologia do “amor”, fazendo a crítica da dominação ideológica imbricada no “amor” pode, também, provocar um desconforto.

O amor em mal-estar

Nosso título, *O amor em mal-estar*, está em sintonia com nossa tese: um dos sentidos de “amor” raramente utilizado por Freud, ou até mesmo nunca utilizado *conscientemente*, que está contido na obra *O mal-estar na cultura* (FREUD, 1976), qual seja, o “amor” como (para utilizar um termo platônico!) sensível, em uma operação que a civilização faz a serviço de Eros, este como inteligível (outro termo platônico!), em consonância com o *superego cultural* (o amor como elemento superegótico da cultura, portanto). De fato, Freud também bebeu no memorável *Banquete* de Platão

sua leitura sobre o “amor”. E, para um outro sentido, o qual deriva da nossa crítica à ideologia, o *amor em mal-estar*, que significa dizer: o “amor” se encontra numa posição discursiva dentro de um *complexo amoroso* ideológico (o “amor” como elemento da dominação, portanto!), o que causa um certo desconforto.

As duas possibilidades de sentido caminham juntas: o “amor” está em mal-estar porque é um elemento superegótico, portanto está submetido ao julgamento ético e moral, em que não poderíamos deixar de chamar de uma solidariedade mecânica, por suas conseqüências punitivas, e porque nele está presente a ideologia, com toda sua qualidade de naturalizar e de eternizar a dominação, em suas diversas formas. Fiquemos, inicialmente, com o primeiro sentido de *amor em mal-estar* para, no tópico seguinte, discutirmos as teorias da ideologia, e a ideologia do “amor”.

O mal-estar na cultura é tido tradicionalmente como uma tentativa *sociológica* de crítica da modernidade, colocando em foco o laço social que amarra os indivíduos à sociedade. Tal é a compreensão de Teixeira (1991) e de Enriquez (1990), com a proposta de construir uma sociologia do inconsciente, para o primeiro, ou uma psicanálise do vínculo social, para o segundo. As considerações de Birman (2005) são complementares, ao constatar que esse texto freudiano provoca uma ruptura no pensamento psicanalítico, colocando-o à *prova do social*. Não negamos a importância do texto freudiano como ruptura e crítica da modernidade, no sentido de apresentar um sujeito descentrado e colocado diante da pulsão de morte e sua aplicação mais

nociva: a pulsão de destruição. Contudo, a nós nos cabe ultrapassar essa crítica, colocando o pano de fundo em primeiro plano, para darmos atenção a uma particularidade notável: que, em um nível profundo, o que Freud argumenta sobre o mal-estar na cultura está inexoravelmente ligado ao “amor” como elemento superegóico.

Freud não coloca claramente essa idéia, a de que o amor está ligado ao superego cultural. Já discutimos que Freud está implicado simbolicamente numa instituição onde o “amor” é o elemento central do poder simbólico psicanalítico (FRANCISCO, 2006). A tese freudiana é que a civilização está a serviço de Eros, numa situação em que o amor é a aplicação imediata das pulsões de vida. Contudo, paradoxalmente, a colocação freudiana analisando o imperativo milenar “Amarás a teu próximo como a ti mesmo” (1976: 114) é um ato de fala não sem conseqüências. É o deslocamento da proposição do “amor”, que tanto afetou Freud em seu trabalho analítico, da teoria pulsional para a teoria cultural, mas faz sem percebê-lo. Afinal, o paradoxo está em que toda a teoria psicanalítica depende do “amor” para fundamentar seus argumentos que, pela via social, deixa uma brecha: o “amor” é uma exigência cultural, está no nível do superego (é um âmbito “externo” contraditoriamente ao “amor” da sexualidade).

Vejamos um exemplo que ilustra o momento de mal-estar do “amor” no cotidiano, articulado ao discurso religioso e ao discurso científico. No curta-metragem *Deus é pai*, sob a direção de Allan Sieber (1999), toda a problemática profunda de *O mal-estar na cultura* pode ser encontrada. Depois de milhares de anos de amor entre pai (deus) e filho (Jesus), a relação começou a ficar relativamente desgastada. Na psicóloga, ambos colocam em pauta suas reclamações, um em relação ao outro. O discurso de fundo é sobre o “amor”, colocando-o na aparente posição de equilíbrio. Contudo, o desfecho é claro em colocar o amor numa posição superegóica, quando a psicóloga pergunta: “Deus, você ama seu filho, não?”. A resposta é previsível: “Claro, claro! Ele é tudo na minha vida”. Quando ela faz a mesma pergunta pra Jesus, ele se cala. Então, ela retruca em tom inquisitivo: “Vamos lá, querido, responda: ama ou não ama?”. Essa pergunta coloca Jesus no limite discursivo onde o único termo é o “amor”. Nesse momento, não tem por onde ele escapar: “Tudo bem, tudo bem! Eu amo, eu amo muito, ele é o meu maior ídolo!”. É também o momento da interpelação ideológica do “amor”.

Embora esse curta-metragem tenha como figura articuladora do sofrimento humano uma psicóloga, podemos fazer a extensão da análise para o campo psicanalítico na medida em que o “amor” não é um elemento discursivo que se esgota em um campo. Ao contrário, o discurso

sobre o “amor” coloniza as mais diferentes instituições, desde a igreja até a decadente Varig (empresa aérea brasileira em via de falência), passando pela psicanálise. O “amor” está no discurso daqueles que o louvam e no discurso daqueles que o condenam – nossos objetivos não tem a ver nem com uma posição nem com outra.

É no sentido de colocar o “amor” como um elemento discursivo (ideológico e superegóico) que tanto serve para Freud elaborar suas teorias quanto para Suzane von Richthofen e os irmãos Cravinhos (processo penal de um dos casos mais nefastos, ultimamente, de assassinato no Brasil) trocarem acusações utilizando-o discursivamente. Colocamos, pois, o “amor” na posição de *mal-estar*.

A ideologia do amor

Uma contribuição significativa para as teorias da ideologia está em Sousa Filho (2001), com a seguinte tese: o sujeito estando submetido à Ordem Simbólica, está sempre-já capturado pela ideologia, e o mais importante, que essa captura está implicada em dominação. Segundo o autor, na medida em que a Ordem Simbólica é incorporada no sujeito com o advento da linguagem, através de sua (do sujeito) inserção no mundo das instituições sociais, concomitantemente a dominação existente nas relações culturais é naturalizada e eternizada. Na prática, equivale a dizer que por sermos sujeitos de cultura, somos sempre-já sujeitos de dominação ideológica, na medida em que a ideologia naturaliza e eterniza a dominação existente na cultura.

Sousa Filho chega no âmago de sua tese: “A ideologia é propriamente o que possibilita à cultura ser introjetada, assimilada, compartilhada e conservada, sem que os seus *padrões* sejam questionados ou recusados, em decorrência de não serem percebidos como *construídos, particulares, relativos e históricos*, mas como *dados, únicos, inevitáveis, necessários e imutáveis* – por meio do que se estabelece a dominação sobre os indivíduos em diversas formas” (2001: 31-32).

A importância da noção de ideologia proposta pelo autor está em que podemos perceber como ela está implicada no naturalizar e no eternizar sociais, e como essa operação não pode ser realizada sem a dominação. Portanto, o autor nos ajuda a pensar como da naturalização e da eternização, fazendo com que o cultural se mostre como dado, único, inevitável, necessário e imutável, entramos na dominação em diversas formas.

A dominação ideológica não seria algo metafísico, descolada da sociedade, no mundo dos deuses e anjos. Ela está na prática cotidiana,

quando os sujeitos colocam em movimento *todo o seu* (pode existir o que não é propriamente seu, portanto não é “todo”) o material semântico que sempre-já dá uma explicação de *todo* à sociedade – só existe um significante “amor”; mas ele está em todas as culturas? Na medida em que não colocamos o “amor” na posição de “variável dependente” ou de “variável independente”, e sim na posição de *invariável*, é quando o poder de dominação, no sentido de Sousa Filho, se oculta como existindo: “Em qualquer dos casos, a parte da vida social que a ideologia mascara é aquela que revela que os indivíduos, atados a um sistema de sociedade determinado, estão submetidos a um poder de dominação que se oculta como existindo, fazendo-se passar por um *poder necessário* (natural ou sagrado), conseguindo que os próprios indivíduos se tornem os agentes de sua dominação.” (2001: 76)

Concomitantemente à dominação ideológica, estamos diante daquilo que o autor entende como controle social (2001: 32 e 41), e que preferimos chamar de superego cultural, pra levar às últimas conseqüências a matéria punitiva de intangibilidade do “amor”: se o sujeito toca nesse assunto, ele está sempre-já também submetido ao superego cultural.

Dessa maneira, nossa crítica ao discurso ideológico do “amor” só pode ser considerada perigosa para a dominação. Porque o “(...) desvelamento de suas bases sociais e históricas – seus segredos – só pode constituir uma ameaça, um perigo, que a ideologia tem o poder de afastar, sem que, para isso, seja preciso a mentira ou a falsificação arbitrária” (SOUSA FILHO, 2001: 69).

A dominação no discurso ideológico

Adotamos uma regra de procedimento: não podemos analisar a ideologia sem analisar a dominação que ela faz significar. Em outras palavras, o conceito de ideologia com que estamos trabalhando somente é possível levando-se em consideração as relações de dominação do que Silverman (1992) chama de ideologia de classe, raça, etnicidade, e gênero. Contudo, preferimos uma outra delimitação para a Ordem Simbólica, encontrada em Enriquez (1990: 179-242) quando fala do vínculo social, da dominação e do poder: a ordem de gênero, a ordem de geração, a ordem natural / cultural e a ordem cosmológica. É nessa perspectiva que podemos entender, em um nível ideológico, a dominação masculina (ordem de gênero), a dominação paterna (ordem de geração), a dominação corporal (ordem natural / cultural), no sentido foucaultiano, e a dominação religiosa (ordem cosmológica). Tal como Silverman separa metodologicamente a Lei da Linguagem da Lei da Estrutura de Parentesco, separamos essas ordens. Contudo, elas andam

juntas, e ao falar em uma delas, devemos ao menos fazer algumas considerações em relação às outras.

Conclusão

Retomando a definição de ideologia de Sousa Filho (2001: 31-32), com a devida especificidade da nossa pesquisa, podemos dizer que a *ideologia* é propriamente o que possibilita ao “amor” ser introjetado, assimilado, compartilhado e conservado, sem que os seus *padrões* sejam questionados ou recusados, em decorrência de não serem percebidos como *construídos, particulares, relativos e históricos*, mas como *dados, únicos, inevitáveis, necessários e imutáveis* – por meio do que se estabelece a dominação sobre os indivíduos nas formas de dominação masculina, de dominação paterna, de dominação corporal, e de dominação religiosa.

O círculo vicioso da ideologia fecha seu ciclo, para repetir-se ainda uma vez, e indefinidamente enquanto o trabalho da crítica não solapar o seu fundamento de dominação. O “amor”, como simples representação discursiva ideológica, como discurso de dominação naturalizado, justifica o laço social do amor, uma complexo amoroso construído social, cultural e historicamente, que se coloca na posição de única sociabilidade: amor materno, paterno, filial, romântico, *amor fati...* Contudo, não saímos do “amor” para explicá-lo. E não fazendo esse movimento metodológico, conservamos inconscientemente aquilo que ele tem de mais nocivo para o devir humano: a dominação.

Referências

- BIRMAN, Joel. **O mal-estar na modernidade e a psicanálise**: a psicanálise à prova do social. Physis, Rio de Janeiro, V.15, 2005.
- ENRIQUEZ, Eugène. **Da horda ao Estado**: psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FRANCISCO, Augusto César; SOUSA FILHO, Alípio. O falo é igual ao pênis? Considerações críticas sobre uma equação ideológica. In.: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 5., 2005, São José dos Campos. **Anais do V Encontro Latino Americano de Pós-Graduação**. São José dos Campos: Editora da Universidade do Vale da Paraíba, 2005.
- FRANCISCO, Augusto César; PEREIRA, Laurisa Alves. A ideologia da feminilidade e a dominação gênero / geração. In.: COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES, 2., 2006, Campina Grande.

Anais do II Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades. Campina Grande: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2006.

- FRANCISCO, Augusto César. Os destinos do falo: presença da ideologia no discurso freudiano sobre o amor. In.: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7., 2006, Florianópolis. **Anais do Seminário internacional fazendo gênero 7.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006.

- FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. In.: **Obras completas.** Volume XXI. São Paulo: Imago, 1976.

- SIEBER, Allan. **Deus é pai.** Porta curtas Petrobrás, curtas-metragens brasileiros na web (animação, 4 min.), 1999. Disponível em http://portacurtas.uol.com.br/pop_160.asp?Cod=392. Acesso em 15 ago. 2006.

- SILVERMAN, Kaja. **Male subjectivity at the margins.** New York: Routledge, 1992.

- SOUSA FILHO, Alípio. **Medos, mitos e castigos:** notas sobre a pena de morte. São Paulo: Cortez, 2001.

- TEIXEIRA, João Gabriel L. C. **A teoria da sociedade em Freud.** São Paulo: EPU, 1991.